

ENTRE OS CÉUS E OS GRAMADOS: OS LIMITES DO FANATISMO DENTRO DAS QUATRO LINHAS

ALEXANDRE FIRMO DOS SANTOS¹



Resumo

O presente artigo busca compreender se há uma relação entre o fenômeno religioso e o futebol nos mais diferentes desdobramentos dos mesmos como também suas possíveis implicações. Ademais, será de grande importância discorrer sobre esse fanatismo que emerge como um produto do fenômeno religioso e desemboca nesta prática esportiva em suas diversas facetas. Sabe-se que um nem sempre esteve tão distante assim do outro até porque este esporte é agregador de elementos que, por vezes, podem ser antagônicos. Será levado em consideração a presença constante do fanatismo nos estádios, já que este componente está diluído nos vários torcedores que os frequentam.

Palavras-chave: Esporte. Futebol. Fenômeno Religioso.

Abstract

This article seeks to understand whether there is a relationship between the religious phenomenon and football in the most different developments of the same as well as its possible implications. In addition, it will be of great importance to discuss this fanaticism that emerges as a product of the religious phenomenon and ends up in this sports practice in its various facets. It is known that one was not always so distant from the other because this sport is an aggregator of elements that, at times, can be antagonistic. The constant presence of fanaticism in the stadiums will be taken into account, as this component is diluted in the various fans who attend them.

Keywords: Sport. Soccer. Religious Phenomenon.

Introdução

Sabe-se que o fenômeno religioso nem sempre esteve tão distante assim do futebol até porque este esporte é agregador de elementos que, por vezes, podem ser antagônicos. No entanto, não basta verificar a existência de uma relação entre eles como também a intensidade dela, pois exige-se um esforço considerável para compreender tal fenômeno em todos os seus desdobramentos, dentre eles, o fanatismo – aliás, este é o eixo temático dessa comunicação. Uma vez que a religião se dissolve no mundo futebolístico de diversas formas que só se expressam de maneira singular no ser humano, no qual este atende pelo nome de torcedor.

O futebol com o passar do tempo foi ganhando mais notoriedade e atraindo novos olhares, por exemplo, tem-se os investidores de diversos segmentos nos quais passam a

¹ Graduado do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: alexandre.firmo.98@outlook.com.



se interessar por esse esporte muito em função dos fins lucrativos que podem ser alcançados. Porquanto isso poderá acarretar uma série de inconformidades que emergem a partir de determinadas mudanças no meio futebolístico atingindo não somente os clubes, mas também o bem maior deles que é sua torcida. Visto isso, cabe aqui dar ênfase ao torcedor fanático e lançar a seguinte questão: O que sustenta esse fanatismo desse torcedor pelo seu time frente a onda de modernização do futebol? A propósito, não se pode perder de vista o processo de mercantilização do futebol, já que este elemento tem se sobressaído ultimamente podendo ser observadas algumas implicações no dito “futebol moderno”. Dois casos de agremiações futebolísticas serão fontes ilustrativas de que o futebol está ancorado em outros elementos, visto que sempre haverá margem para aqueles que não entende nada sobre esta prática esportiva; sobrará incompreensão por quem não faz parte deste meio social.

Para fundamentar este artigo se fez necessário o cotejamento de autores como Eduardo Galeano (2004) e Jonathan Wilson (2016) na articulação do futebol como um elemento inerente ao indivíduo. A contribuição de Figueiredo (2017) é de grande valia para inserir a perspectiva deste esporte como uma mercadoria em detrimento daquilo que já é tradicional para o clube. No que diz respeito ao fenômeno religioso, vale salientar a contribuição de Émile Durkheim (1996) para conceituá-lo e reforçar a busca pelo propósito desta produção textual. Além das análises informativas que constam nas bases do jornal El País, do Futebolmagazine, do jornal Público bem como do blogue Papo Desportivo. Desta maneira, o presente artigo busca compreender se há uma relação entre o fenômeno religioso e o futebol nos mais diferentes desdobramentos dos mesmos como também suas possíveis implicações. Ademais, será de grande importância discorrer sobre esse fanatismo que emerge como um produto do fenômeno religioso e desemboca nesta prática esportiva em suas diversas facetas.

Um fenômeno chamado futebol: do subjetivo ao coletivo

A prática do futebol tem ganhado ultimamente vários adeptos, mas nem todos que se aproximam desse esporte são necessariamente torcedores, existem os simpatizantes como também os curiosos e aqui pode-se inserir as pessoas que estudam o futebol, enquanto cultura ou fenômeno social. Independente da perspectiva a ser observada o futebol surge como um elemento unificador e segregador ao mesmo tempo, embora isso pareça estranho, mas esse esporte é capaz de reunir características antônimas.



Apesar de suas versões rudimentares, o futebol só ganharia forma e uma tipificação que conhecemos hoje a partir de sua sistematização na Inglaterra, contudo isso não aconteceria de uma hora para outra. Houve todo um processo no qual exigiu o fornecimento dos “ingredientes”, por exemplo, a inserção das regras para formá-lo. Conforme Bernardo Reinke (2019), esse conjunto de regramento aplicado ao futebol é o componente fundante do que viria ser a profissionalização desse esporte e não é para menos, pois somente em 1885 foram realizadas as primeiras partidas de cunho profissional. Todo esse esboço apresentado até aqui é ilustrado da seguinte forma:

No começo havia o caos, e o futebol não tinha forma. Então apareceram os vitorianos, que o codificaram; e depois deles, os teóricos, que o analisaram. A tática, como algo que se assemelhasse a seu sentido moderno, não foi reconhecida ou discutida antes [...]. Em sua forma mais remota, no entanto, o jogo não conhecia nenhuma sofisticação (WILSON, 2016, p.28).

O autor Jonathan Wilson (2016) descreve de maneira ilustrativa a origem do futebol desde os seus primórdios até uma concepção mais moderna. No início desta citação é perceptível uma semelhança com um discurso mítico, logo pode-se observar que em poucos trechos ele discorre uma evolução do futebol, reafirmando todo o processo de desenvolvimento pelo qual este esporte passou até alcançar suas peculiaridades em que o torna diferente das demais práticas esportivas. Oliveira (2012, p.171) dirá que “a prática do futebol não era considerada um esporte entre os séculos XVI e meados do XIX, uma vez que praticar esportes era uma atividade exclusiva da nobreza [...]”, pois existiam outras predileções que serviam como “passatempo” para os nobres na Inglaterra o problema é que eles deixavam de lado afazeres importantes para o funcionamento da sociedade em detrimento desta prática esportiva.

Parte da estética esportiva não está ao alcance de quem observa apenas a forma. Desse ponto de vista o futebol mais parece uma sequência de lances inócuos, repetitivo e sem sentido [...]. O prazer estético depende do entendimento da dinâmica do jogo, o que pressupõe aprendizado e, de outra parte, concordância em relação a alguns significados. Um desses significados partilhados pelos futebolistas é que o jogo é uma guerra mimética. Talvez este seja um dos paradoxos do esporte; ele é uma guerra, mas apenas simulada [...] (DAMO, 2001, p. 86).

Tomando Damo (2001) como referência logo entenderemos que o futebol atrai pelas táticas articuladas dentro de campo, pelos esforços empreendidos na busca da melhor performance; por isso, conforme o autor, são as táticas que dão o brilhantismo na partida e, passando a entendê-las, o olhar será outro. No entanto, o tempo se passou e hoje a prática futebolística tem conquistado a muitos por conta do entusiasmo causado pela proximidade do torcedor com o time no qual ele é adepto ou pela alegria gerada após a



bola balançar a rede, seja lá como for o futebol atrai a atenção dos mais novos aos mais velhos, pois não existe uma idade exata para tal.

Segundo Sandro Rosa (2014, p.1126), “[...] as pessoas se reúnem no estádio/templo em esperança por um único objetivo, a vitória do seu time do coração”, portanto há quem diga que o futebol se tornou um elemento quase que indissociável do próprio indivíduo por exprimir as emoções mais latentes do ser, inclusive, ele “traduz” os sentimentos não apenas de uma única pessoa, mas de um contingente de sujeitos que se vinculam não só com algum time, tal qual conecta-se com o outro que geralmente torce pelo mesmo clube. A propósito, isso não exclui a subjetividade do apreciador desse time, uma vez que antes de ir a uma partida de futebol, ele se reveste de atavios repletos de significados, possui suas superstições, age de maneira incomum sob a ótica daqueles que não compreendem o seu amor ao clube no qual, em sua consciência, considera-se o torcedor número um. No fim das contas, ele é mesmo um adepto das cores, do brasão, do hino, ou melhor, de tudo aquilo que lhe traz a convicção do pertencimento para aquilo que julga ser a razão do seu contentamento.

Futebol é cultura porque este absorve todo agrupamento de simbolismos, expressões e tradições, externalizando-os na mais autêntica representatividade. No entanto, podemos compreender o que vem a ser cultura desta maneira: “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder [...]; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade” (GEERTZ, 1989, p. 10), pensando a partir dessa definição as bandeiras, os brasões, as camisas, poderiam ser enquadrados como “signos interpretáveis”, ou seja, há uma compreensão dos significados destes elementos por parte de uma determinada torcida – uma forma de codificação exclusiva. Já fora abordado neste escrito que o futebol é composto por características antagônicas, pois da mesma forma como põe em lados opostos uma cidade ou até um país inteiro por motivos diversos é o mesmo que coloca vários indivíduos a compartilharem o mesmo espaço. No que se refere a estes motivos, pode-se inferir que fatores locais, econômicos, sociais, políticos, religiosos e afins podem ser suficientes para desencadear rivalidades, vínculos afetivos, ódio, violência e paz, contudo isso dependerá da “dosagem” que estes ingredientes são atribuídos aos torcedores.



Esse esporte já teve uma usualidade indesejada – o uso político, só a título de exemplo, no auge da Ditadura Civil-Militar² no Brasil a Copa do Mundo de 1970, em que o Brasil se sagrou tricampeão, foi utilizada como um reflexo positivo da governabilidade. Essa conquista serviu de parâmetro para que o então governo de Médici (1969-1974) expressasse o quanto o país ia “bem”. Desse modo, percebe-se como o futebol pode servir de instrumento propagador de ideias ou até mesmo ser manipulado conforme os interesses alheios. Enfim, este não é o propósito do artigo, porém se fez necessário exemplificar um dos diversos usos que o futebol pode ter.

“Alastra-se aos ‘templos’ esportivos evocando paixões onde o grito de gol pode ser representação inefável da existência” (ROSA, 2014, p. 1123), o gol é a expressão mais repleta de potencialidade do próprio ser em que sobressai do fundo da alma um bramido alegre e contagiante porque este é expansivo e alcança os que estão ao redor. Porquanto o contentamento chega a ser tão grande que os próprios torcedores agem, por vezes, como se fossem crianças, isto é, como se estivessem em um momento pueril. “[...] e a multidão delira e o estádio se esquece que é de cimento, se solta da terra e vai para o espaço” (GALEANO, 2004, p. 22), e é aí que se percebe a ausência de limitações que impeçam a alegria tomar conta do indivíduo como um todo, no entanto, há quem diga que até a gravidade neste instante de êxtase é desconsiderada, pois os torcedores ao comemorarem nem lembram das leis gravitacionais.

Analisando o futebol moderno pode-se concluir que já não se tem a mesma essência dos tempos pretéritos, em razão do surgimento de novas exigências dentro desse esporte sejam nas regras ou no plano organizacional dos clubes. De uma coisa é sabida, o futebol não tem sido o mesmo, tornou-se um mercado financeiro de ações aonde se joga em determinado clube se este lhe proporciona um salário exorbitante, premiações e títulos a serem conquistados, deixando de lado o “amor pela camisa” ou o eu jogo no meu “time de infância”, enfim, houve uma mudança e isso é inegável. E que fique bem claro que apenas estar sendo exposto aqui um fato inerente ao novo “mundo da bola” nada contra a esta mudança.

Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo de fim de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como o menino que brinca com o balão de gás [...] (GALEANO, 2004, p.14).

² Sobre esse conceito, ver: FICO, 2014, p. 9.



Para tanto, pode-se dizer que existe uma espécie de mercantilização do futebol em que atribuirá novas perspectivas no “mundo” da bola, sobretudo, as que possuem interesses na monetização obtida com esse esporte. O futebol brasileiro está inserido nesse ramo lucrativo no qual se sobrepõe as verdadeiras manifestações de fanatismo por parte de torcedores leais que resistem a todo esse processo. Sendo assim, o torcedor obcecado pelo seu clube jamais permitirá que o descaracterizem, pois por mais que essa “modernização” futebolística traga benefícios por um lado; por outro, acaba sobrepondo as inovações sob as tradições – a título de exemplo, tem-se a modernização de um estádio histórico no qual faz parte do acervo patrimonial do time.

O Futebol, presente no cotidiano do brasileiro, se tornou um elemento cultural de composição da identidade nacional e de integração social, bem como se expressa na dimensão do esporte como espaço de acumulação capitalista, exploradas pelas entidades de administração do esporte, empresários e clubes de futebol (FIGUEIREDO, 2017, p. 85).

Acertadamente o capitalismo encontrou no esporte um elemento propulsor de ganhos, reduzindo-o à condição de mercadoria, cujo o poderoso mercado constituído a partir dele é desenvolvido e com ele cresce os interesses em lucrar (FIGUEIREDO, 2017). Não obstante a toda essa mudança o futebol não perdeu o seu encantamento ou dito de outro modo, o famoso “futebol raiz” àquele que ainda mantém a proximidade da torcida com os jogadores dentro dos estádios e que preserva os torcedores mais ilustres do clube – é o caso dos que vão ao campo com o seu inseparável rádio de pilha, ou seja, o fanático resiste em meio as ditas transformações; tendo em vista que é o vínculo firmado entre este torcedor e o seu clube o motivo necessário para que esse tipo de adepto do time permaneça indo aos estádios. Portanto, o futebol ainda sobrevive nesse antagonismo de realidades, na qual pode ser verificada através das multiplicidades de matizes elementares que se agregam ou agregaram a este esporte.

Futebol e Religião: a sacralização do profano

No tópico anterior observamos que o futebol pode ser enquadrado como um fenômeno cultural, embora possa estar imerso em outros âmbitos sociais entrelaçando o sentimento mais íntimo ao fanatismo, ou ainda, a uma obsessão desenfreada do indivíduo que se dispõe a torcer por um clube. A proposta deste tópico é descrever a relação do futebol com a religião ou até tentar compreender esse sujeito religioso que atende por nome de torcedor. De antemão será necessário apresentar um conceito de religião, mesmo não sendo uma tarefa fácil, mas é de grande valia estabelecê-lo assim,



[...] a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. [...], elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos [...] (DURKHEIM, 1996, p. XVI).

Nas palavras de Durkheim percebe-se que o fenômeno religioso possui uma representatividade coletiva, na qual expõe-se as características primárias do homem com o sagrado manifestado nos mais diversos ritos, portanto estas representações são capazes de alcançar muitos “fiéis” e reuni-los em torno de um propósito. Semelhantemente não seria assim no futebol? Quando alguém decide torcer para qualquer agremiação futebolística, certamente ele fará sua escolha a partir de alguns critérios que certifiquem sua predileção e em pouco tempo, estará integrado a uma coletividade. No que se refere aos ritos, segundo Galeano (2004), há uma espécie de “manual” do torcedor que, por exemplo, não se contenta apenas em comprar a camisa, mas também decide ir ao estádio a ter que acompanhar pela televisão, pois, para ele, quanto mais perto do seu time, maior é a sua condição de êxtase diante da vitória, maior será também sua devoção ao clube como forma de ritual voltado para à “glória”³.

O amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, especialmente o futebol. Ainda que tenhamos torcedores não-praticantes, é raro encontrar praticantes que não tenham seu clube do coração. Torcer por um clube de futebol é a chave para a entrada num universo dominado pelo movimento e pela prática corporal [...], ironicamente, discutir é mais importante do que praticar – mesmo que, em discussões mais acirradas, o praticante possa evocar sua experiência como dispositivo de autoridade. O domínio dos códigos futebolísticos garante o acesso a certas discussões que ocorrem em momentos de sociabilidade intensa [...]. Opina-se a partir de um referencial, como torcedor de uma dada agremiação, embora seja possível, evidentemente, discutir-se futebol em termos abstratos (DAMO, 2001, p. 87).

Esse amor descrito por Damo é o “combustível” que permite a afirmação de um vínculo afetivo para com um time de futebol, faz o torcedor deixar de ser um mero espectador passando a ser mais participativo nas rodas de conversas, nos bares, em casa com os amigos. Para além disso, o torcedor dentro do estádio é o mesmo que “empurra” a equipe para cima do seu adversário objetivando a vitória, portanto isso demonstra que o conhecimento futebolístico não está unicamente ligado aos praticantes.

E o que dizer de quando os elementos considerados profanos, por exemplo, as superstições entram em campo junto com os jogadores ou ficam nas arquibancadas com os torcedores, estes que levam objetos e suas manias para o jogo a fim de trazer sorte.

³ Entende-se como rumo as conquistas, ganhos.



“Os atletas de futebol, além de estarem presentes na sociedade atual – que por si só já motiva a busca a uma crença em algo que possa ajudar, estão vinculados a um meio onde é plena a instabilidade e a incerteza” (HARO, 2009, p.23), e isso pode ser constatado ao assistir a uma partida de futebol, em que os atletas, geralmente, estão fazendo suas preces cada um do seu jeito, mas objetivando o mesmo desejo: a vitória. Porquanto, existirá aqueles adeptos aos gestos religiosos como é o caso do sinal da cruz durante uma partida⁴, todavia não é só de gestos que vivem os amantes de futebol. Há aqueles que usem objetos santos, a saber: crucifixo, camisas com dizeres bíblicos (ou que fazem alusão bíblica), terços, imagens de santos, entre outros. Ainda se encaixam nesse emaranhado elementar as famosas expressões clichês empregadas no futebol, seja ela utilizada nas entrevistas no início e no final das partidas, seja na comemoração de um título como é o caso da frase “se Deus quiser a gente sai com a vitória”.

Toda essa abordagem foi feita para enfatizar que o futebol tem uma certa relação com a religião, embora isso não tenha sido sempre assim até porque as pessoas ligadas ao futebol deixaram transparecer, ultimamente, mais a sua fé ou crença. Não é que isso seja errado, muito pelo contrário, esta situação demonstra que no futebol há espaço para a liberdade de expressão desde que se respeite outrem ou qualquer posicionamento de predileção alheia. “A maioria dos seres humanos busca agregarem e viver de acordo com determinados valores e princípios e é na religião que grande parte das vezes eles os encontra” (FERREIRA, 2010, p.7), a partir destes dizeres pode-se inferir que a religião se apresenta como uma depositária das mais altivas emoções do ser humano, sobretudo, ela é também a fonte de princípios moralizadores que o nortearão durante sua existência.

Toda Religião é também marcada por símbolos e esses não podem ser desprezados nem alvo de juízo de valor por aqueles que de fora os observam; muitos desses símbolos são carregados de significados e necessidades pessoais que estão hoje não somente voltadas pra um mundo externo da salvação da alma, como também para os atos e consequências desses em vida (FERREIRA, 2010, p.14).

Então pode-se dizer que existe uma ressignificação nos simbolismos usados pelos envolvidos com o futebol, uma vez que a denotação de determinados gestos, ritos, objetos ou dizeres podem sofrer alterações exclusivas. Estas mudanças são operadas, especificamente, por intermédio de um grupo, dito de outro modo, todo esse conjunto elementar poderá receber novos sentidos ao serem utilizados pelas torcidas de futebol, por exemplo. Alguns desses itens podem ser mal interpretados pelos que não estão

⁴ Sinal feito tanto por torcedores como também por jogadores e alguns profissionais envolvidos na partida.



envoltos das suas acepções, tratando-os até como usualidades para fins de escárnio ou fanatismo.

Cabe aqui pontuar um outro fato que não está dissociado do futebol: as apostas. Sim, as apostas têm feito muitas pessoas a se entregarem as jogatinas em nome do lucro que esse esporte pode trazer, daí que surgiram as mais variadas casas de apostas para alimentar a compulsividade de muitos torcedores nos quais se põem na condição de apostadores. De acordo com Chagas (2016, p.38) com “a invenção da internet, certamente, revolucionou também o mercado de apostas esportivas, propiciando a proliferação dos operadores por todo o mundo”, contribuindo com esse “vício” pautado por discursos otimistas por parte dos apostadores que se apoiam em suas religiosidades.

Pois bem, o que isso tem a ver com religião? Tudo. Em razão dos apostadores fazerem sua “fezinha” sempre estão fazendo suas preces pelos cantos ou até usam os seus terços como amuletos para lograr êxito em sua aposta. Não se pode negar que o mundo da bola envolve muito dinheiro, por outro lado, causa diversas ações desonestas, mas esse não é o foco do artigo, apenas mencionou-se essa situação pelo simples motivo do uso de elementos religiosos em apostas na modalidade do futebol, na qual esta usualidade pode ser considerada “profana” a depender de quem a observe.

“The Old Firm”⁵: uma batalha campal de ideologias

O clássico escocês é um exímio exemplo de embate ideológico, pois põe frente a frente o Celtic e o Rangers ambas equipes são da cidade de Glasgow. A rivalidade entre essas duas equipes vai muito além de uma partida de futebol propriamente dita, aliás existem outros ingredientes que contornam esse derby⁶, como questões religiosas e questões políticas nutrem ainda mais o acirramento entre esses clubes. Para compreendermos esse clássico é de bom alvitre analisarmos todo enredo que movimenta a cidade de Glasgow, dividindo-a em duas alas totalmente opostas ideologicamente.

Segundo Fábio Ramos (2016), o Rangers foi fundado pelos irmãos Moses e Peter McNeill, Peter Campbell e William McBeath todos eles de origem escocesa, este novo clube era adepto do protestantismo anglicano e corroborava com o Reino Unido.

⁵ “Em inglês, ‘Old Firm’ significa literalmente ‘velha empresa’ e alude aos benefícios financeiros gerados pela contenda entre os dois gigantes de Glasgow”. Disponível em: <<https://papodesportivo.wordpress.com/2016/03/26/classicos-pelo-mundo-9-celtic-x-rangers/>>. Acesso em: 27 de mar. de 2020.

⁶ Em linhas gerais, é um jogo disputado entre equipes da mesma região geográfica.



Diferentemente do Celtic que fora fundado por um Monge Marista Irlandês⁷, surgindo em oposição ao seu rival, isto é, definiam-se como uma equipe católica e conivente com o separatismo.

Desde a fundação das equipes já fica visível o quanto elas se distinguem completamente, mas é claro que a rivalidade dentro de campo não começou no exato momento em que as equipes pisaram pela primeira vez no gramado e duelaram. Levou um certo tempo para que a rivalidade fosse ganhando contornos acentuados por fatores extracampo, porém eles sempre fizeram parte do clássico. A propósito, vimos que no principiar das equipes estes elementos que fogem ao mundo da bola já surgiram, mesmo que em um certo grau, com elas e isto é inegável. Conforme Ramos (2016), dentro de campo é comum constatar a ausência da bandeira da Escócia, pois os torcedores do Celtic preferem usar a da Irlanda durante o clássico, enquanto a torcida do Rangers leva a bandeira do Reino Unido.

A violência passou a figurar no cenário deste clássico que já tinham “ingredientes” suficientes como elementos provocadores do enfrentamento físico entre as torcidas. Infelizmente, isso tem se repetido em outras localidades em que existem rivalidades entre equipes de um mesmo país ou região, contudo não é em todo lugar que um clássico é sempre marcado por brigas, com entrada de policiais ou de torcedores em campo. O caso abordado aqui é de duas equipes que rivalizam dentro e fora dos gramados; portanto, quando eles se encontram seja em uma rodada pelo campeonato local ou qualquer outra oportunidade, há confusão.

E só de pensar que os jogadores são tão representativos para os clubes que haviam muitas divergências e conflitos não só entre as torcidas como declara Guilherme Padin (2016), mas também houve um tempo em que não se podia nem pensar em ver um atleta católico jogando no Rangers e vice-versa, pois essa prática sectarista era levada a sério desde as primeiras contratações dos clubes. “Todo e qualquer esporte é criado visando certo nível de competição, e nunca buscando a violência”(NETTO, 2009, p.23), portanto não poderia ser diferente com o futebol, embora eles consideram o clássico como se fosse uma batalha aonde as duas torcidas parecem mais com exércitos prontos para o ataque. No que se refere as torcidas, eles literalmente vestem as camisas dos seus respectivos

⁷Fundado pelo católico Andrew Kerins, o ‘Irmão Walfrid’ [...]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html>. Acesso em: 01 de mar. 2020.



clubes e não importa o posicionamento na tabela ou a condição financeira da equipe, pois quando se trata de um “Old Firm” aí muda-se o discurso.

Uma vez por semana o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora, o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada (GALEANO, 2004, pp. 19-20).

Eduardo Galeano (2004) descreve todo o ritual de preparação de um torcedor fanático por seu time, ele ainda apresenta o fenômeno religioso como um fator unificador em torno de um propósito. Analogamente essa descrição pode ser facilmente definidora dos torcedores do Celtic e do Rangers, pois todos quando vão ao “templo” estão alinhados não só com os seus clubes do mesmo modo como estão vinculados aos seus ideais. Quando estão em campo não é só um jogo qualquer, é uma história mais que centenária, um antagonismo ferrenho entre as equipes porque ninguém quer sair derrotado de campo e se o jogo for valendo taça aí que o negócio fica mais intenso.

Já foi mencionado neste escrito a forte política sectarista entre as duas diretorias e não é para menos, pois elas são as guardiãs desta tradição que acompanha os clubes desde sua fundação. Padin (2016) dirá que essa política sectarista seria quebrada em 1989, quando o Rangers contratou Maurice Thomas Johnson⁸, a partir daí já fica presumível o imbróglio que isto ia gerar entre os clubes. Precisa nem dizer que este jogador foi odiado pelos dois clubes, inclusive, os torcedores de seu ex-time consideravam-no um traidor, era visto como um “Judas” mesmo. Agora imagine ter um jogador de sua própria equipe que ao marcar o gol passa a ser odiado pelo seu novo clube, realmente era complicado agradar os torcedores escoceses.

Vimos que o fenômeno da violência e da intolerância compõe o enredo do “Old Firm”, mas eles sempre foram as causas de cenas lamentáveis do clássico, apenas a título de ilustração foi o que ocorreu na final da Copa da Escócia de 1980⁹, uma grande briga se propagou dentro do estádio Hampden Park após o título do Celtic. Um outro acontecimento fatídico desse clássico ocorreu no ano de 1971, sobre ele Padin (2016) declara que foi um acontecimento inesperado no qual resultou em 66 mortes e mais de 200 feridos marcando a história do encontro das duas equipes de Glasgow. Esse episódio

⁸ Jogador católico e ex-atleta do Celtic.

⁹ Sobre este assunto ver: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html>. Acesso em: 27 mar. 2020.



ficou conhecido como “Desastre de Ibrox” manchando a história do derby de Glasgow que, aliás, é tido como um dos mais violentos do mundo.

Outrossim, é a presença real do proselitismo, a tentativa incansável de convencer o outro de que seu time é o melhor. Quando atinge o seu objetivo é uma verdadeira festa. Mas do outro lado, torcedor que vira a casaca é considerado um traidor, ‘vira casaca’, não é digno de confiança. A camisa do time é o que chamam os torcedores de ‘manto sagrado’, intocável (ALVARENGA, 2007, p.103).

Essa tentativa de convencimento no qual se refere Alvarenga (2007) surge mediante a constatação da subjugação de um time sobre o seu rival, ou melhor, este esforço é a prova cabal da superioridade de um clube sobre outro. “Apesar de a violência estar presente na sociedade em todos os seus segmentos, no esporte esse padrão vem ganhando maior ênfase na mídia, obtendo o mesmo nível de repercussão de fatos sociais como assaltos, homicídios, latrocínios, entre outros” (NETTO, 2009, p.24), os telejornais passam a ganhar mais uma pauta para noticiarem como se não bastassem as que já existem. Enfim, até mesmo uma paixão nacional, infelizmente, está vulnerável a intolerância e a violência por parte dos próprios torcedores como analisamos nesse tópico, pois como se pôde constatar que o amor ao time, quando este é confundido com ódio e aversão ao clube rival, perpassa todo e qualquer princípio de respeito ou de bom senso ocasionará múltiplas dissensões dentro e fora de campo.

Derry City: o ponto fora da curva

No tópico anterior conhecemos um pouco sobre o clássico de Glasgow ou mais conhecido como “Old Firm”, um jogo que transcende o espírito esportivo e muito competitivo deixando sobressair os ideais que acirravam a partida. Agora é a vez do Derry City, fundado em 1928, é sediado na cidade de Londonderry que fica na Irlanda do Norte, possuindo uma história um tanto curiosa. Essa equipe tem uma certa semelhança com os clubes escoceses, contudo ela detém um aperitivo diferenciador que vale a pena ser destacado neste escrito.

Marco Vaza (2013) relata que desde sua origem esse clube norte-irlandês não se propusera a tomar uma determinada postura de caráter sectário, ou seja, não faria escolha entre torcedores simpatizantes com o catolicismo ou protestantismo até porque o que realmente interessava era ter o apoio da torcida, por essa ação o Derry passou a pagar o preço, mesmo que involuntariamente, pelo seu posicionamento geográfico. Os motivos



religiosos foram as causas para determinadas decisões que foram tomadas ao longo de sua história.

No futebol, sublimação ritual da guerra, onze homens de calção acabam sendo a espada vingadora do bairro, da cidade ou de nação. Estes guerreiros sem armas nem couraças exorcizam os demônios da multidão e confiaram sua fé: em cada confronto entre duas equipes, entram em combate velhos ódios e amores herdados de pai para filho (GALEANO, 2004, pp.30-31).

Esses “velhos ódios” como declara Eduardo Galeano emergem como fundamentos para a instauração de um espírito prosélito dentro do futebol insular, aliás todo esse cenário colocou o Derry City em uma condição quase que desesperadora a tal ponto que o obrigou a literalmente transpassar as divisas entre as duas “Irlandas”. Na década de 60 o que se percebia nesse território insular era uma espécie de guerra civil como bem descreveu Vaza (2013), em que os conflitos entre protestantes e católicos não se restringiam apenas nas ruas como também adentravam aos estádios de futebol, esse sentimento religioso começou a tomar os habitantes dessa ilha que agora dividia-se por interesses totalmente diferentes, os quais causariam muita violência nos anos subsequentes.

Conforme o entendimento de Marco Vaza (2013), o sentimento religioso moldava as ações dessa sociedade insular forçando a jogar os seus jogos em casa numa cidade protestante por quase um ano e vale salientar que o Derry City tinha o desejo de regressar ao seu próprio estádio, mas a organização do campeonato norte-irlandês rejeitou o seu pedido sendo o motivo suficiente para a equipe debandar do torneio nacional. Vaza (2013) ainda declara que o Derry City passou um bom tempo esperando ser chamado de volta para o campeonato nacional da Irlanda do Norte, porém a cada ano que passava via-se mais distante da competição como se fosse uma equipe anônima, posto isto a única solução encontrada pelo clube foi desvincular-se da liga norte-irlandesa algo que não ficou bem visto pelos clubes locais, ainda mais quando descobriram que iria para o outro lado da ilha.

Para se ter uma noção de como as duas “Irlandas” estavam alinhadas com algum aspecto político ou religioso pode ser encontrado nos imigrantes irlandeses, que por serem católicos, não era incomum encontrar os que se simpatizavam com o Celtic. Sendo assim, nos dias de clássico em Glasgow ocorre uma grande viagem entre as capitais Dublin e Belfast¹⁰, onde se tem um deslocamento de torcedores como se fosse uma espécie de

¹⁰ Capitais da República da Irlanda e da Irlanda do Norte respectivamente.



compromisso estabelecido no ano (FUTEBOLMAGAZINE, 2018). Cabe aqui salientar que esta prática era fundamentada nos princípios que os moviam na busca dos seus propósitos, estes estão alinhavados com os desígnios dos adeptos do clube escocês.

A rivalidade do clássico escocês, em dia de jogo, ganhava um “reforço” a mais, sobretudo, para o lado católico que como já vimos é representado pelas cores do Celtic. O Derry City ganhou diversos títulos jogando no campeonato irlandês, tanto é que não demorou muito para chegar à condição de equipe mais forte do país, detalhe que ele era norte-irlandês e chegou a tal nível. Atualmente está sendo cogitada a possibilidade de se criar uma liga nacional da Irlanda, ou seja, unir os clubes das duas partes da ilha em um único torneio nativo. A prática do futebol na Irlanda pode ser um instrumento unificador de sentimentos, transformar aquilo que era ódio e desavença em cooperação em torno de uma liga nacional, deixando para trás as diferenças políticas e ideológicas (FUTEBOLMAGAZINE, 2018), portanto espera-se uma postura diferente dos clubes em face dessa proposta que objetiva trazer dias melhores para estes países.

Considerações Finais

Ao longo desse artigo foi discorrido sobre o futebol e tudo que o envolve, além do mais ficou perceptível que este esporte é um fenômeno cultural por permitir o uso e aparição de elementos simbólicos e tradicionais que, convenhamos, as torcidas sempre os conservam em sua memória e faz transparecer todo esse amor através dos cânticos dentro dos estádios, das camisas com as cores do clube, das faixas com dizeres estritamente ligados ao time etc. Haja vista que o futebol também é um fenômeno social, pois de quando em quando retrata os mais íntimos sentimentos de um povo, de uma nação, ou seja, retrata o contexto no qual está sendo vivenciado. O futebol não é restrito somente aos torcedores, já que todo mundo quer ter sua parte ou participar dele, configurando-se assim suas diversas utilidades.

A priori, constatamos a existência de uma relação entre o futebol e a religião seja ela qual for sua categoria, visto que é indiscutível a sua presença no meio futebolístico através da aparição do objeto de estudo deste trabalho: o fanatismo. Ela pode ser expressa entre o clube e a torcida, entre os próprios torcedores ou pelos jogadores, uma vez que quando se precisa recorrem aos seus “oráculos”, aos seus altares e suas preces objetivando um trunfo sobre o adversário. Ficou esclarecido nesta produção textual que o torcedor é



um ser envolto de religiosidade, ainda mais quando se trata de sua equipe ele se põe na condição de fiel ou de devoto para que o seu desejo seja realizado.

Pode-se dizer então que o fenômeno religioso faz parte do futebol de uma maneira ou de outra, a verdade é que em meio a uma coletividade subsiste a subjetividade e aqui só cabe ao indivíduo, pois reflete o mais íntimo do sentimento humano. O torcedor sempre tem sua crença, por mais que seja estranha ao outro é sua e só ele a compreende. Este é o mesmo torcedor que vai ao estádio como se fosse um compromisso marcado, dirige-se ao “templo” e aos deuses do futebol quando se é necessário tudo para desejar o melhor para o seu time.

No que se refere a proposta do artigo, esta pôde ser analisada a partir do que foi exposto neste escrito e também através dos dois casos abordados, a saber: The Old Firm e Derry City. Estes clubes apresentam características informacionais que compõem as diversas facetas da relação entre o fenômeno religioso e o futebol, apresenta-nos que não é só o futebol que age unicamente no cenário mundial, ele age juntamente com outros segmentos da sociedade, dentre eles, se encontra a religião. Além de que o futebol, ultimamente, está suscetível as mudanças como pudemos constatar que o tradicional foi colocado em xeque pela modernização ou ainda que o torcedor fanático foi “escanteado” por essa avalanche de interesses calcados no lucro, os quais transformam este esporte em mercadoria.

O fanatismo é a ligação perfeita entre o futebol e o fenômeno religioso, ou melhor, é um produto do sincretismo destes elementos que pôde ser percebido em seus desdobramentos. No que se refere as implicações do fanatismo, estas foram apresentadas ao longo desta comunicação, são elas: a modernização do futebol, as apostas, as expressões, as superstições, entre outras. Agora, depreende-se que entre os céus e os gramados de futebol não há limitação para a atuação do fenômeno religioso dentro das quatro linhas, já que este se manifesta de diversas maneiras e, por vezes, na mais estrita autenticidade. Os adeptos do futebol podem até não ser praticante de uma religião, mas no fundo eles têm uma inclinação para os elementos da religiosidade tudo isso feito para o seu clube como uma forma de amor e devoção.

Data de Submissão: 14/05/2020

Data de Aceite: 28/07/2020



Referências Bibliográficas

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves de. Fut-Baal: a relação entre futebol e religião. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo, n. 12, p. 98-105, dez./2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/1685/1681>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CHAGAS, Jonathan Machado. **A (Im)possibilidade de Regulamentação das Apostas Esportivas no Ordenamento Jurídico Brasileiro**. 2016. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/166160>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, jul./set. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011&lng=pt&tlng=p>. Acesso em: 30 jul. 2020.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Lucas Vinícius de Oliveira. **Educação Física, Esporte e Religião: interferências e relações**. 2010. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/effto/biblioteca/monografia/100/>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

FIGUEIREDO, Pedro Osmar Flores de Noronha. **O (não) direito ao esporte e lazer e a mercantilização do futebol: copa para quem?** 2017. 325 f. Tese – Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/31415>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

FUTEBOLMAGAZINE. **Irlanda, o sonho de uma liga comum**. 14 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.futebolmagazine.com/irlanda-o-sonho-de-uma-liga-comum>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.



HARO, Guilherme Krummenauer. **Futebol e Valores Religiosos**: uma revisão da literatura. 2009. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/18900>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

NETTO, Alfredo Euclides Dias. **A violência nos estádios de futebol na perspectiva dos policiais militares de Curitiba**: um estudo de caso. 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. 2009. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/286>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 13, p. 170-174, maio/2020. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PADIN, Guilherme. A história por trás do Old Firm, o clássico que transcende o futebol na Escócia. **EL PAÍS**. São Paulo, 09 set. 2016, Esporte, [S.I]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html>.

Acesso em: 27 mar. 2020.

RAMOS, Fábio. Clássicos pelo mundo #9: Celtic x Rangers. **Papo Desportivo**. 26 mar. 2016. Disponível em: <<https://papodesportivo.wordpress.com/2016/03/26/classicos-pelo-mundo-9-celtic-x-rangers/>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

REINKE, Bernardo. A origem do futebol. **Leitura de Jogo**. 07 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.leituradejogo.com.br/a-origem-do-futebol/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ROSA, Sandro Santos da. Uma hermenêutica entre culto, futebol e religião: experiências que perpassam a coincidência. In: Congresso Internacional da Faculdades EST, 2., 2014. São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: EST, 2014. pp. 1108-1021. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/374>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

VAZA, Marco. Derry City, campeão das duas Irlandas. **Público**. Porto, 25 maio 2013. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2013/05/25/desporto/noticia/derry-city-campeao-das-duas-irlandas-1595520>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

WILSON, Jonathan. **A pirâmide invertida**: a história da tática no futebol. Tradução André Kfourí. Campinas-SP: Editora Grande Área, 2016.